

## UM ESTUDO ENUNCIATIVO DE UMA POLÍTICA DE LÍNGUAS: UMA IDENTIDADE MISTURADA \*

Gabriele de Souza e Castro SCHUMM

**RESUMO** *A partir de uma visão distinta que tem sido vista pela sociolinguística sobre línguas em contato, concebemos a língua, e as línguas em contato, dentro do quadro teórico da semântica da enunciação, como uma relação de línguas que convivem em um espaço de enunciação específico.*

*No espaço de convivência das línguas alemão e português, há uma relação de litígio que as distribui neste espaço, dividindo-as e as refazendo o tempo todo.*

*O modo como as línguas alemão e português se configura neste espaço ganha materialidade na análise dos dados coletados nas cidades de descendentes de alemães, localizadas no Paraná.*

*A análise do funcionamento da linguagem neste espaço de enunciação dá visibilidade à relação constitutiva da língua na constituição dos falantes.*

*A compreensão da constituição do espaço de enunciação das cidades pesquisadas e de como as línguas alemão e português se relacionam na determinação da identidade dos falantes é o lugar de compreender especificamente como se dá a participação de cada uma das línguas, a língua alemã, como memória de uma origem, e o português como a língua nacional que regula o funcionamento do espaço de enunciação, na constituição dupla dos sujeitos falantes.*

**ABSTRACT** *Within a perspective which is different from the sociolinguistics approach of languages in contact, we conceive language and languages in contact as a relation of languages which cohabit in a specific space of enunciation.*

*In the space of sociability between German and Portuguese, there is a relationship of litigation which distributes them in this space, dividing and renewing them all the time.*

---

\* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 20 de maio de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Jairo Morais Nunes.

*The configuration of German and Portuguese in this space is better recognized in the analysis of the data captured in some cities of German descendants, located in Paraná. The data were captured during interviews made in German.*

*The analysis of functioning of language in this enunciative space makes visible the constitutor relation of language in the constitution of speakers.*

*To understand the constitution of the enunciative space of these cities and how Portuguese and German relate in the determination of speaker identity is the best way to comprehend the participation of both languages in the double constitution of subjects speakers: German as the memory of an origin and Portuguese as the national language which regulates the operation of the enunciative space.*

## I. INTRODUÇÃO

A história nos mostra, através de alguns acontecimentos, que a língua é muito mais que uma combinação de sinais que fixa um conteúdo desvinculado das condições em que se dá uma enunciação. Seu funcionamento está sempre afetado pela história, pelo social e pelo político.

No início da colonização do Brasil, a ausência dos fonemas correspondentes a *F*, *L*, *R* na língua falada pelos índios, que aqui viviam, foi apreendida de forma bem mais complexa que um simples problema lingüístico. A falta destes fonemas atestava, segundo os portugueses, que esta comunidade indígena não tinha *Fé*, *Lei*, ou *Rei*, isto é, era um povo pagão e não aceitava regras; era a justificativa necessária para a colonização, uma colonização de exploração, que seria realizada.

À época do Nazismo, seguidores do regime nazista, que pregavam a supremacia da raça ariana, quiseram abolir do alemão os empréstimos lingüísticos. A questão da pureza racial buscava uma resposta na língua. Foi através dela também, mediatizada pelos meios de comunicação de massa como o rádio, que a propaganda nazista foi difundida.

Atualmente, há questões políticas que continuam dizendo respeito à língua. Nos EUA, os lingüistas mais conservadores têm exigido a implementação do inglês como língua oficial na Constituição. Essa decisão seria a barreira legal encontrada pelos “nacionalistas” para barrar fenômenos como o *Spanglish*, uma mistura do inglês com o espanhol, falado por imigrantes latinos e descendentes. A xenofobia a esses encontrou um modo de se fazer significar encoberta pelo protecionismo da língua. Mais recentemente, no Brasil, foi apresentado ao Congresso um projeto de lei que proíbe empréstimos lingüísticos sob risco, aos infratores, de punição. A problemática aqui não é o português em si, em uma tentativa de criar uma política de línguas que o difunda, mas tentar de alguma forma enfrentar o avanço que a cultura americana vem tendo no Brasil. Já o grande problema, segundo o deputado responsável pelo projeto de lei,

Aldo Rabelo, é o crescimento do inglês dentro do Brasil. Esse crescimento se caracteriza pelo número excessivo de palavras em inglês presentes no vocabulário do brasileiro.

O poder que a língua exerce sobre os falantes é facilmente notado, mesmo na ausência de problemas políticos significativos. Países oficialmente monolíngües, como o Brasil, determinam qual língua será usada em território nacional. Definida a língua nacional, os falantes, para se constituírem como cidadãos, como sujeito-de-direito<sup>1</sup> do país, se vêem na obrigação de enunciar deste lugar, determinando assim uma língua para uma nação.

Para Gregoire (1975)<sup>2</sup>, é a homogeneização da língua que garante o bom funcionamento da sociedade política, isto é, a língua da nação significa o falante desta como cidadão, como membro integrante de uma sociedade nacional. Nesse sentido, aqueles que se recusam ou não conseguem falar a língua do Estado e, por isso, não se colocam dentro desta homogeneidade, se definem como excluídos da sociedade, ratificando, assim, a importância da língua dentro da organização social do Estado. A escola, enquanto instituição, é um dos principais instrumentos para promover um conceito idealizante/idealizado da língua, que pode ser mais bem apreendido quanto à noção de idealização, quando visa populações lingüísticas mais distantes da norma, da língua do Estado.

A questão do poder político da língua se manifesta tanto a nível nacional, com as questões dialetais, como entre países em sua busca de criar uma identidade através da língua. Este trabalho procura entender como o político se manifesta na língua, analisar a questão do político na relação entre as línguas e a constituição da identidade dos falantes por meio dela.

## II. O CONTATO DE LÍNGUAS

Para isso, a questão no problema da mistura de línguas é localizada em território nacional. Em cidades brasileiras de descendentes de imigrantes, como seguramente em qualquer país, é muito comum a hibridação de línguas, isto é, o português e a língua do imigrante, associadas às representações sociais de impureza. Esse tipo de relação desta “nova” língua criada por falantes/descendentes é marcado politicamente. Isto foi trabalhado especificamente na imigração alemã, centrando a questão no espaço enunciativo de descendentes de alemães de duas cidades do Paraná (Entre Rios e Witmarsum).

---

<sup>1</sup> Para ver mais sobre sujeito-de-direito ver Harouche, C. 1992 e nos capítulos seguintes da dissertação.

<sup>2</sup> Achard, P. – “Um Ideal Monolíngüe” in Vermes, G. & Boutet, J. (orgs.) *Multilinguismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989. (pg. 43)

Mas antes de tratar a mudança da perspectiva enunciativa, é possível ver a questão da mudança tratada na história dos estudos lingüísticos, dividida basicamente em duas perspectivas teóricas, em princípio opostas, que são utilizadas para descrever e explicar a mudança lingüística. A primeira delas diz que a língua muda internamente. Isto é, a língua, enquanto autônoma, muda de forma independente. Segundo Sapir (1971), a língua tem uma deriva própria na qual fatores estruturais, e somente eles, que se materializam no falante determinam de que modo as mudanças lingüísticas se configuram.

A segunda hipótese sobre como as línguas mudam considera fatores externos, como defende Weinreich (1968). Relações de poder, função social da língua, importância da língua na sociedade operam a mudança da língua. De acordo com essa visão, a língua reflete a sociedade e por isso as relações de poder que a constituem operam na língua de forma decisiva. Ou seja, no cruzamento das línguas é mais comum e aceitável que a língua com uma função social inferior mude e receba influência da língua de poder.

As línguas faladas no Brasil, muitas interpretadas como nacionais, aqui convivem como línguas que estão distribuídas no espaço de enunciação brasileiro, reguladas pela língua nacional e oficial do Brasil, e assim são passíveis de mudança ou desaparecimento. Tendo em vista essa realidade lingüística brasileira, este trabalho se propôs a entender a mudança lingüística como forma de compreender o funcionamento político das línguas no Brasil, e o modo como esse funcionamento político organiza nossa relação enquanto falantes com as línguas e como elas nos determinam neste espaço.

Os falantes das cidades, no caso aqui estudado Entre Rios e Witmarsum, são bilíngües, isto é, se constituem enquanto falantes por estas duas línguas, cujas relações com os descendentes são diversas. Nestas cidades era comum cada uma das línguas trazer uma especialização social<sup>3</sup>. Tendo em vista essa compartimentalização social das línguas, nas cidades pesquisadas, o alemão poderia ser definido como a *língua del cuore* (coração) e o português, *língua del pane* (pão). Essa relação diversificada entre as línguas e os falantes que constitui estes últimos é responsável pela mistura, cuja configuração é política.

E é nessa configuração que se apreende a definição de língua na qual toda a pesquisa foi desenvolvida. Para isso, fiz um percurso retomando algumas posições que tratam como a mistura aparece nos estudos da ciência da linguagem e a forma como ela tem se construído atualmente na lingüística. Por outro lado procurei desenhar o percurso histórico que trouxe à língua este papel central como elemento unificador de um país, constituindo, assim, uma identidade nacional que permite inclusive que políticas de língua norteiem as relações sociais e políticas de um país.

---

<sup>3</sup> Cadiot, P. – “As Misturas de Línguas” in Idem I (pg. 141). Essa analogia foi feita, tendo em vista o tipo de relação que cada uma das línguas, a alemã e a portuguesa, tem com os falantes. O alemão está vinculado à questão histórica, a sua constituição enquanto imigrantes; e o português, como língua do Estado, a um uso regulado por um tipo de obrigação.

### III. LÍNGUAS E ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO

A normatividade da distribuição das línguas no espaço enunciativo das cidades pesquisadas determina e identifica os falantes nas relações deles com as línguas alemã e portuguesa. É a configuração política deste espaço enunciativo na divisão normativa desigual deste que configura os lugares da língua misturada no lugar da exclusão da identidade alemã, censurando a identidade dos descendentes de alemães, mas ao mesmo tempo os incluindo e identificando enquanto imigrante alemão e cidadão brasileiro. O lugar da identidade nestas cidades de descendentes se configura no alemão, pois é esta língua que define a especificidade destes brasileiros como “brasileiros alemães”.

Tendo em vista, porém, a conceituação de espaço de enunciação, há uma distribuição hierárquica das línguas que configura a relação dos falantes com as línguas alemão e português. Nesta distribuição desigual das línguas o alemão entrecruzado é a língua que exclui os falantes da condição de falantes de alemão, já que esta “língua” é vista como a degradação do alemão. Mas é neste lugar da “mistura” que os falantes deste “tipo” de alemão se incluem no lugar de FA (falantes de alemão) e no lugar da identidade dos “brasileiros alemães”. É justamente no funcionamento do espaço de enunciação que a identidade destes falantes se constitui.

Para a coleta de dados me pautei em alguns elementos da metodologia desenvolvida por Labov para formulação do questionário que foi elaborado, visando a criar uma situação de entrevista que se assemelhe a uma conversa próxima do cotidiano do entrevistado, possibilitando assim que as enunciações estivessem mais próximas da realidade deles. De acordo com esta teoria, quando colocados em situação de entrevista, os informantes acabam, inconscientemente, se afastando da sua fala diária de forma a afetar a naturalidade dos dados.

### IV. METODOLOGIA E ANÁLISE

Apesar de fazer uso de alguns princípios da metodologia laboviana, marco minha filiação teórica me afastando da teoria como um todo ao considerar na prática intersubjetiva da entrevista a presença do locutor, na figura da entrevistadora, e do interlocutor. Outro lugar de afastamento das formulações de Labov está na elaboração de perguntas acerca da relação dos entrevistados com as línguas alemão e português. Ao indagar sobre o papel e o lugar das línguas nas cidades pesquisadas, abandono de vez a questão colocada pelo Paradoxo do Observador, formulado por Labov, pelo qual eu deveria me integrar à comunidade como uma aprendiz, isto é, me mostrar interessada na vida dos moradores como um todo, não mencionando em nenhum momento o objetivo de minha pesquisa e isolando a língua como tema de minhas perguntas. Questionar sobre as línguas significava, para mim, entender a relação dos falantes com as línguas e assim caracterizar o espaço de enunciação das cidades.

Essa marcação se deu quando, ao enunciar o interesse em gravar alguns dados com alguns moradores, falo de um determinado espaço enunciativo, o brasileiro, vez que a questão do espaço público também significa o espaço enunciativo no qual a entrevista se dá.

Os moradores das cidades falam um alemão entrecruzado pelo português. O entrecruzamento das línguas configura a forma como as cidades alemãs pesquisadas são afetadas pelo Brasil. O falante bilíngüe neste espaço é um falante das línguas alemã e portuguesa, sendo esta última a língua que regula o espaço de enunciação e atravessa o alemão.

Há três tipos de dados que foram analisados:

1. Pergunta em alemão resposta em português

A. E: Wo ist dein Herr?

[Em alemão seria: *Onde está seu marido?*]

V: Meu marido? Ele saiu “prá passeá”. Foi lá no mercado “fazê” umas compra.

B. E: Wo lernen sie?

[Em alemão seria: *Onde eles estudam?*]

V: Tem uma parte (*que estuda*) aqui. Tem uma parte em Palmeira.

2. Pergunta em português, resposta em alemão com traços lexicais ou expressões em português

A. E: in einer Universität?

[Em alemão seria: *Em uma universidade?*]

A: Ich weiss noch nicht. wenn ich durch \*\*\*, villeicht mache ich **faculdade**.

[Em alemão seria: *Eu não sei ainda: Talvez eu faça faculdade.*]

B. E: Wo hast du gelernt?

[Em alemão seria: *Onde você estudou?*]

C: Ich habe fast allem hier gelernt. Von Kindergarten bis **die segundo grau**. Dann 3 Jahre in Ponta Grossa hab'ich gelernt. Da hab'ich portugiesisch und English gemacht.

[Em alemão: *Eu estudei quase tudo aqui. Do jardim de infância até o segundo grau. Depois, estudei 3 anos em Ponta Grossa. Lá eu estudei português e alemão.*]

3. Pergunta em alemão, resposta em alemão atravessado por elementos estruturais do português.

A. E: Was machst du nach der Schule?

[Em alemão seria: *O que vc faz depois das aulas?*]

A: Meisten gehe ich im Club, gehe schwimmwn und gehe Tennisspielen

[Em alemão seria: *Na maioria das vezes, vou ao clube, nadar e jogar tenis.*]

Em cada uma dessas cenas é distinta a relação dos falantes com as línguas e esta se configura de um modo particular em cada uma delas. Mesmo com uma configuração específica para cada uma das cenas, é o português que regula a relação dos falantes com o alemão.

Que falante é esse então? Nos perguntamos. É um falante bilíngüe. O falante neste espaço de enunciação é um falante de duas línguas, em que uma é o português e a outra, um alemão, afetado pelo português. Essa relação das duas línguas e dos falantes se configura nas cenas enunciativas em que os locutores das cenas, especificamente o locutor-entrevistado, se define pela língua que fala. Ele se divide em um falante de português (FP) e um falante de alemão (FA). O alemão deste FA tem um diferencial. A língua que o FA fala é um alemão específico que está atravessado pelo português nos seus mais diversos níveis, como pode ser constatado nas cenas já apresentadas.

Ao enunciar em alemão, estes sujeitos falantes marcam seu lugar enquanto “alemães”, mas “alemães brasileiros”, tendo o alemão como memória de língua. Como a constituição destes sujeitos bilíngües não é nem somente brasileira, nem somente alemã, a língua misturada os significa enquanto “alemães brasileiros” e “brasileiros alemães”.

Podemos dizer que há 4 “línguas” que constituem o espaço de enunciação das cidades pesquisadas, o alemão padrão (no lugar da instituição - da escola, publicações), o português padrão (também no lugar institucional) o português não-padrão, e o alemão entrecruzado.

## V. Espaço de Enunciação e Línguas Nacionais

Nessa relação de línguas que convivem neste espaço, a questão do multilingüismo se choca com o modo de funcionamento do Estado moderno, em que há uma necessidade de se estabelecer uma relação quase unívoca entre língua e Estado. Mas, na atual organização política do mundo, essa relação se abriu devido às formas de ligação entre os países. Com os Estados formados e estáveis, um hiato entre língua e Estado se estabeleceu, vez que a política lingüística não está mais voltada para configurar a geografia política do mundo.

O que temos agora é uma organização política mais estabilizada que não mais necessita de uma “representação” desta estabilidade por uma materialidade lingüística, como se deu no século XIX, vez que a geografia mundial está significativamente

estabilizada de modo que a política linguística não precisa se fundamentar na constituição de uma identidade nacional para configurar um país como Estado.

Essa desconstrução da unidade língua/estado possibilita a convivência de mais de uma língua nacional no mesmo espaço, sem questionar a identidade e unidade de um país. Não há, assim, em princípio, uma ameaça à existência de um país, enquanto tal. O espaço de enunciação acaba constituído por mais de uma língua nacional, em que a “língua franca”, como podemos definir o inglês que tem uma legitimidade especial, notadamente para relações internacionais de um certo tipo, ocupa o espaço de enunciação de outros países, como vemos o inglês ocupar o espaço do português, no Brasil, por exemplo. Mas mesmo com algumas mudanças, é na relação com a língua nacional que a identidade do sujeito se constitui, pois é nessa organização política que o sujeito está inserido.

A conjuntura atual do mundo não permite que a inscrição do sujeito na linguagem se dê sem levar em conta um real que é acessado e construído pela linguagem. Esse real está tocado pelas relações políticas e sociais que o definem. O político, como afirma Guimarães (2000a), está em tudo. E é nesse real normativamente dividido que as relações de uma distribuição desigual produzem uma historicidade específica que determina o modo como o sujeito se inscreve na linguagem. Nesse sentido a constituição do sujeito está regulada por essa historicidade e não somente pela psique de forma isolada como é apresentada em certas definições da psicolinguística sobre língua materna.

Em contextos de bilingüismo, como as cidades em que meus dados foram coletados, há o funcionamento de uma língua materna num espaço de enunciação que já tem uma língua nacional regulando este espaço. Tendo em vista ainda que a outra língua que “compete” com o português, enquanto língua do Estado brasileiro, é o alemão, também uma língua de um estado. Embora tenhamos duas línguas nacionais não é essa relação de línguas que se põe aqui. A língua nacional só pode ser tomada na sua relação com o Estado e isto não ocorre com a língua alemã no espaço de enunciação destas cidades do Paraná.

O alemão que já foi a língua materna dos imigrantes perdeu sua especificidade, vez que esta é atravessada e regulada pelo português, língua do Estado brasileiro, em seus mais diversos níveis. Estas cidades pesquisadas têm seu espaço enunciativo organizado pelas duas línguas, o português e o alemão.

É possível pensar, no caso de línguas em contato, na língua materna definida como uma língua? Isto é, no caso das cidades pesquisadas, em que se tem a ocorrência de duas línguas, o alemão e português, é possível pensar em uma língua materna para estes falantes? O alemão é a língua materna deles? O português? A língua entrecruzada?

Em que lugar se enquadra a língua materna do imigrante ou de seu descendente? Já que na perspectiva da língua do Estado, a língua do imigrante nada mais é que o lugar do estrangeiro?

A relação entre as línguas no espaço de enunciação não se dá, como já dito anteriormente, numa disputa de línguas nacionais, mas num litígio de línguas que se



refazem e convivem enquanto determinantes da identidade destes descendentes de alemães.

O que se coloca aqui não é a definição da língua materna dos falantes destas cidades, mas a forma como as línguas alemão e português os determinam na relação entre elas, e tentar entender o funcionamento das mesmas nestas cidades e o modo como elas produzem sentido neste espaço de enunciação específico.

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “mistura” é esse lugar do duplo, mas que carrega para os falantes um peso maior do que eles estão dispostos a carregar. A designação “mistura” usada inclusive no título desta dissertação faz referência à forma como eles mesmos designam a variedade de alemão falada por eles.

A “mistura” para os alemães produz um sentido distinto do sentido que este termo tem para o Brasil. A miscigenação significa o povo brasileiro e a diversidade cultural do país.

Mas nos momentos em que se referem à sua fala, os falantes a designam como uma fala “misturada”, carregando um sentido pejorativo para o termo. Esse peso do termo muito tem a ver com o lugar da Alemanha no espaço de enunciação brasileiro, vez que a oposição puro/impuro significa de forma específica na/a história alemã.

De que forma o ideal de língua pura afeta os descendentes alemães? A “mistura” foi a principal razão para os moradores das cidades pesquisadas se recusarem a gravar as entrevistas. O teor negativo do termo é produzido no lugar da memória enunciativa da Alemanha no espaço de enunciação brasileiro, marcado na fala da língua alemã padrão.

Este lugar alemão no Brasil significa o modo como a “mistura” das línguas se dá para estes “alemães brasileiros”, o alemão neste espaço de enunciação determina o falante alemão que significa a “mistura” na sua relação com a Alemanha e dessa forma essa relação se configura como lugar da exclusão da identidade alemã, uma vez que falar um alemão atravessado pelo português significa para eles uma perda dessa identidade alemã que é tão defendida.

Contudo é esse lugar da exclusão que constitui os falantes como alemães, “alemães brasileiros”, já que é na relação das línguas português e alemão que esta variedade do alemão “misturado” opera a configuração política de língua definida por Guimarães (2002a) de determinar os lugares dos falantes no espaço de enunciação das cidades pesquisadas, pois temos aí o confronto de duas histórias produzidas pela designação de “mistura”: a brasileira na qual a miscigenação é o lugar em que o brasileiro se constitui e a história alemã.

Assim o alemão falado por estes moradores não é mais o alemão, trazido da Alemanha. Mesmo sendo também, no país de origem, uma língua nacional, não é deste

modo que o alemão é praticado, no caso aqui estudado. A questão da língua nacional só pode ser tomada em relação a um Estado, no caso do alemão com a Alemanha. A língua trazida para o Brasil com a imigração se distancia do Estado alemão e se firma como uma língua de memória histórica e como língua da identidade desses descendentes.

Ao enunciar em alemão, estes sujeitos falantes marcam seu lugar não somente enquanto “alemães”, mas “alemães brasileiros”. Alemães porque enunciam em alemão, e brasileiros porque enunciam em português. Dessa forma, temos, neste espaço de enunciação, sujeitos que são falantes de alemão e português. Na distribuição das línguas para os falantes, o português lhes é dado como língua nacional, enquanto o alemão lhes é dado como memória de uma origem. Isto se marca pelo modo de presença do português no alemão e pelo modo de distribuição do alemão e do português na prática linguística.

---

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ACHARD, P. (1989). “Um Ideal Monolíngüe” in Vermes, G. & Boutet, J. (orgs.) – *Multilinguismo*, Campinas: Editora da Unicamp.
- ANDERSON, B. (1989). *Nação e Consciência nacional*. São Paulo: Ática.
- CADIOT, P. (1989). “As Misturas de Língua” in Vermes, G. & Boutet, J. (orgs.) – *Multilingüismo*, Campinas: Editora da Unicamp.
- DIAS, L.F. (1996). *Os sentidos do idioma nacional. As bases enunciativas do Nacionalismo Lingüístico no Brasil*, Campinas: Pontes.
- GARDÉT, Madray & Brès. (1989). “Conflito de nomeação em situação de diglossia” in Vermes, G. & Boutet, J. (orgs.) - *Multilingüismo*, Campinas: Editora da Unicamp.
- GUIMARÃES, E. (2000) “O Político e os Espaços de Enunciação”. Conferência no “I Encontro Nacional Linguagem, História, Cultura”, Cáceres, UNEMAT.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Os limites do sentido. Um Estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem*. Campinas: Pontes.
- HAROCHÉ, C. (1992). *Fazer Dizer, Querer Dizer*. São Paulo: Hucitec.
- HOBBSAWN, E. (1991). *Nações e Nacionalismo desde 1789*. São Paulo: Paz e Terra.
- KRISTEVA, J. (1941) *Historia da Linguagem*. Lisboa, Edições 70, 1969.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania.
- ORLANDI, E. (1992). *As formas do silêncio*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Língua e Conhecimento Lingüístico*. São Paulo: Cortez Editora.
- PAGOTTO, E.G. (2001) *Variação e(é) Identidade*. Tese doutorado, Unicamp.

- PÊCHEUX, M. (1981) "A formação das línguas nacionais" In Gadet & Pêcheux (orgs.) *A Língua Inatingível*, Campinas: Pontes, 2004.
- RANCIÈRE, J. (1995). "O dissenso" in Novaes, A. (org.) *A crise da Razão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1995) *O Desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Ed. 34,1996
- SAPIR, E. (1921) *A Linguagem. Introdução ao Estudo da Fala*. RJ.: Livraria Acadêmica, 1971.
- SAUSSURE, F. (1966) *O Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- WEINREICH, U. (1968). *Languages in Contac. Findings and Problems*. Mouton: The Hague.